

ASPECTOS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

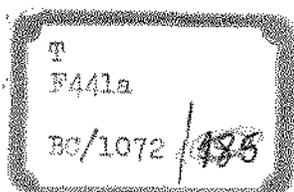
por

RAQUEL SALEK FIAD

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Campinas

1975



BIBLIOTECA CENTRAL

BIBLIOTECA CENTRAL

BIBLIOTECA CENTRAL

Esta pesquisa foi realizada durante a vigência de bolsa de estudos concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Humanas e Sociais, 73/948) durante o meu curso de Mestrado.

ASPECTOS DE NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

RESUMO

Esta pesquisa trata de alguns fenômenos de negação em português, tendo como base teórica a gramática gerativo-transformacional. São tomadas como base algumas propostas feitas para o tratamento da negação em inglês, que são verificadas em confronto com dados do português a fim de se testar a possibilidade de se estender a mesma análise a esta língua. Pretende-se fazer uma análise principalmente com base sintática, conforme a proposta de Klima (1964), "Negation in English". No entanto, são levantados alguns problemas de ordem semântica, conforme fazem Lasnik (1972), Analyses of Negation in English, e Jackendoff (1969), "An Interpretive Theory of Negation".

Autor: Raquel Salek Fiad

Orientador: A. Carlos Quicoli

Índice

	pag.
Capítulo I: Introdução	1
Capítulo II: Definição de Sentença Negativa	3
2.1. Sentença negativa em inglês	3
2.2. Sentença negativa em português	5
2.3. Negação de constituinte e Negação de sentença	10
2.3.1. Análises de Klima, Jackendoff e Iasnik	10
2.3.2. Negação de constituinte em português	13
Capítulo III: Hipóteses para o tratamento da negação	17
3.1. Hipótese transformacionalista	17
3.2. Hipótese de Neg na base	19
3.3. Hipótese interpretativa superficial	22
3.3.1. Jackendoff	22
3.3.2. Iasnik	24
3.4. Hipótese de Neg predicado	27
Capítulo IV: Negação em português	32
4.1. Hipótese de Neg na base	32
4.2. Hipótese interpretativa superficial	40
Capítulo V: Conclusão	45
Bibliografia	49

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A negação tem sido um dos tópicos discutidos em trabalhos feitos com base na teoria gerativo-transformacional. Desde o trabalho de Klima (1964), "Negation in English" até trabalhos mais recentes que incluem aspectos de semântica em sua discussão, diversas propostas têm sido feitas com o fim de explicar fatos relativos à negação em inglês.

Nesta pesquisa, tenta-se examinar e discutir as propostas apresentadas, em confronto com dados linguísticos de português, a fim de, por um lado, verificar a adequação empírica dessas propostas e, por outro, explicar alguns aspectos de negação em português, tendo como base teórica a gramática gerativa transformacional.

A idéia inicial foi de um trabalho que se preocupasse exclusivamente com a descrição sintática das sentenças negativas, conforme faz Klima em seu trabalho. No entanto, ao serem examinadas as propostas de Jackendoff e Lasnik que se referem a problemas de interpretação semântica das sentenças, e ao serem examinadas sentenças com quantificadores, em português, foram levantados problemas de interpretação semântica, mais exatamente, de escopo da negação nas sentenças.

No capítulo inicial, proponho-me a formular uma definição de sentença negativa em português, tomando como ponto de partida o artigo de Klima. Portanto, será uma definição com base em critérios sintáticos. A seguir, estabeleço a distinção entre negação de sentença e negação de constituinte, apoiando-me na definição obtida para aquela.

O capítulo seguinte destina-se à apresentação das propostas existentes para o tratamento da negação na Gramática gerativa. São expostas as propostas de Chomsky

(1957), Klima (1964), Jackendoff (1969), Lasnik (1972) e Lakoff (1965 e 1970).

Em seguida, duas dessas propostas serão discutidas com base nas sentenças negativas do português: a hipótese de Klima (1964) que coloca uma única ocorrência da negação na estrutura profunda da sentença e postula regras transformacionais que não afetariam o significado, e a hipótese interpretativa superficial, defendida por Jackendoff e Lasnik, que propõe que a interpretação semântica de sentenças negativas se baseie não somente na estrutura profunda, mas também em alguma estrutura derivada, possivelmente a estrutura superficial da sentença.

Após examinar e verificar a validade das duas hipóteses em confronto com as sentenças negativas do português, aponto, na conclusão, os problemas surgidos ao se tentar essa análise e que permanecem ao concluí-la.

CAPÍTULO II
DEFINIÇÃO DE SENTENÇA NEGATIVA

Neste capítulo pretendo apresentar uma definição de sentença negativa para o português, com base em critérios sintáticos. A discussão está dividida em três seções. Na primeira serão examinados os argumentos apresentados por Klima (1964) para definir a noção de 'sentença negativa' em inglês. A seguir, na segunda seção, examinarei a possibilidade de estender os argumentos apresentados em Klima (1964) para os fatos do português. Na terceira seção, será discutida a diferença entre negação de sentença e negação de constituinte, com a apresentação das análises de Klima (1964), Jackendoff (1969) e Lasnik (1972) a esse respeito, e a extensão desse tipo de negação ao português.

2.1. Sentença negativa em inglês

O primeiro passo na análise de Klima destina-se a observar a ocorrência de advérbios nas sentenças, a fim de verificar se há motivação para diferenciá-los em classes distintas, como em (1):

(1) The writer will	{ (a) not, never, scarcely, hardly rarely, seldom, barely, little, etc. (b) always, so, almost, usually, surely, often, etc. }	believe
---------------------	---	---------

the boy.

Observando sentenças como (2) e (3), verifica que 'not' se comporta de maneira distinta, em relação

fatos do português a fim de verificar a possibilidade de estender a sua análise ao português, é importante fazer algumas observações iniciais a respeito da definição de sentença negativa a que nos propomos.

Em primeiro lugar, como pôde ter sido observado na apresentação de Klima, a definição de Sentença negativa proposta baseou-se exclusivamente na estrutura superficial das sentenças.

Em segundo lugar, a definição a ser obtida refere-se, inicialmente, às sentenças simples do português. Entende-se por sentença simples aquela que não tem outra sentença encaixada em si.

Podemos agora justificar por que a definição de sentença negativa será baseada na estrutura superficial. É possível que sentenças simples na estrutura superficial sejam derivadas de sentenças complexas na estrutura profunda (como no caso de adjetivos serem derivados de orações relativas). Por isso restringiu-se a análise das sentenças à sua estrutura superficial.

Portanto, neste trabalho, pretende-se obter uma definição de sentença negativa simples, baseada exclusivamente na estrutura superficial.

Nesta seção serão examinadas as estruturas com 'tampouco', 'nem mesmo', 'nem' e com 'tag-question afirmativa', com o objetivo de se propor uma definição de sentença negativa em português. Ao mesmo tempo, será observado o comportamento dos advérbios negativos e não-negativos a fim de se estabelecer uma possível ocorrência dos primeiros nas sentenças negativas.

Observando sentenças com 'tampouco', nota-se que sentenças como (12) e (13) parecem estranhas a falantes do português, que usariam sentenças como (14) e (15), em lugar das primeiras:

(12) Os homens se omitem e as mulheres { não, nun
ca, jamais }

se manifestam tampouco.

- (13) Maria não aceitou a oferta e João $\left. \begin{array}{l} \text{não, nun-} \\ \text{ca, ja-} \\ \text{mais} \end{array} \right\}$

a aceitou tampouco.

- (14) Os homens se omitem e tampouco as mulheres se manifestam.

- (15) Maria não aceitou a oferta e tampouco João a aceitou.

As sentenças do tipo de (12) e (13) assemelham-se às estruturas com "either-conjoining", com a ocorrência obrigatória de um advérbio negativo na segunda sentença da coordenação³. Por outro lado, sentenças como (14) e (15) não têm obrigatoriamente um advérbio negativo claro, conforme se observa mais exatamente em (14). Parece que esse fato se deve à anteposição de 'tampouco'.

No entanto, 'tampouco' ocorre em ainda outro tipo de sentenças, em que há a obrigatoriedade de um advérbio negativo claro, como a seguinte:

- (16) Os homens não trabalham e tampouco as mulheres.

A presença obrigatória de um advérbio negativo nessa sentença é verificada pelas sentenças (17) a (24):

- (17) Os homens nunca trabalham e tampouco as mulheres.

- (18) Os homens jamais trabalham e tampouco as mulheres.

- *(19) Os homens trabalham e tampouco as mulheres.

- *(20) Os homens sempre trabalham e tampouco as mulheres.

- *(21) Os homens raramente trabalham e tampouco as mulheres.

- *(22) Os homens dificilmente trabalham e tampouco as mulheres.

- (23) Maria $\left. \begin{array}{l} \text{não} \\ \text{nunca} \end{array} \right\}$ aceita presentes e tampouco

Joana.

*(24) Maria recusa presentes e tampouco Joana.

Observa-se aí que os advérbios que se comportam como negativos são 'não', 'nunca' e 'jamais' e que o elemento negativo na sentença deve ser explícito, o que explica a não-gramaticalidade de (24).

A 'tag com nem mesmo' tem comportamento semelhante a "not even", isto é, sua ocorrência implica na negação da sentença anterior, na qual há sempre um advérbio negativo:

Observemos as sentenças seguintes:

- (25) Escritores não aceitarão coisa alguma, nem mesmo sugestões.
- (26) Escritores nunca contam os fatos, nem mesmo os verdadeiros.
- (27) Os escritores jamais contarão a história, nem mesmo a inventada.
- *(28) Essas crianças raramente comem bolo, nem mesmo de chocolate.
- *(29) Essas crianças dificilmente comem bolo, nem mesmo de chocolate.
- *(30) Escritores aceitarão sugestões, nem mesmo as úteis.

O exame das sentenças com 'tag-question afirmativa' e com 'nem tag' também demonstra a ocorrência dos mesmos advérbios negativos nas sentenças a que estão ligadas as "tags". As sentenças (31) a (36) com 'tag-question afirmativa' e as sentenças (37) a (42) com 'nem-tag' só são gramaticais quando existe 'não' ou 'nunca' ou 'jamais':

- (31) As crianças nunca comem bolo, comem?
- (32) Os escritores não aceitarão sugestões, aceitarão?
- (33) As crianças jamais alcançarão a chave, al-

canção?

- *(34) As crianças dificilmente comem bolo, comem?
- *(35) As crianças raramente comem bolo, comem?
- *(36) As crianças comem bolo, comem?
- (37) Os escritores não aceitam sugestões, (e) nem os editores.
- (38) Os escritores nunca aceitam sugestões, (e) nem os editores.
- (39) Os escritores jamais aceitam sugestões, (e) nem os editores.
- *(40) Os escritores dificilmente aceitam sugestões, (e) nem os editores.
- *(41) Os escritores raramente aceitam sugestões, (e) nem os editores.
- *(42) Os escritores aceitam sugestões, (e) nem os editores.

A partir da observação das sentenças com 'tampouco' e com os três tipos de "tags" apresentadas, pode-se chegar a algumas conclusões a respeito das sentenças negativas em português.

Em primeiro lugar, verificou-se que as sentenças com essas quatro estruturas citadas têm sempre um advérbio negativo - não, nunca, jamais⁴. Como consequência, pode-se propor, então, que as sentenças que permitirem essas estruturas são as sentenças negativas em português.

Essa tentativa de se estabelecer uma classe de sentenças negativas tem por objetivo delimitar o escopo deste trabalho, isto é, de permitir que sejam reconhecidas as sentenças negativas a serem analisadas neste trabalho.

É importante observar aqui que as estruturas analisadas acima foram superficialmente observadas, isto é, só se levou em conta o comportamento dos advérbios negativos na estrutura superficial das sentenças. As sentenças com advérbios negativos serão analisadas em algum detalhe

no capítulo III. Além disso, não foram consideradas sentenças que permitem as estruturas citadas, embora não apareça algum advérbio negativo, como (43), que será também observada no capítulo III:

(43) Ninguém trouxe bolo, trouxe?

2.3. Negação de Constituinte e Negação de Sentença

2.3.1. Negação de Constituinte em inglês

Klima (1964), Jackendoff (1969) e Lasnik (1972) apresentam sentenças em que ocorre negação atribuída a algum constituinte e não a toda a sentença.

Klima (1964) destaca vários casos de ocorrência de "not" em constituintes da sentença, em que não será permitida a ocorrência de "either-conjoining", "negative appositive tag not even", "tag-question without not" e "neither tag", já que essas estruturas são características de sentenças negativas.

Uma das ocorrências de "not" em constituinte é em sentenças complemento com gerúndio ou infinitivo, ou em sentenças subordinadas, como (44) e (45):

(44) I would force her to marry no one.

(45) He says that there will not be any rain
(and so does she).

A sentença (44) tem uma leitura de negação de sentença - "I wouldn't force her to marry anyone" - e a outra de negação de constituinte - "I would force her not to marry anyone".

Conforme diz Klima, a negação nesses casos está na sentença da qual a sentença subordinada se origina.

Talvez seja importante lembrar que a análise de Klima baseia-se em uma versão da Teoria Transformacional

(Chomsky, 1957), onde as sentenças subordinadas e completivas eram encaixadas por transformação na sentença principal. Desse modo, a negação origina-se fora da sentença principal (ou sentença mais alta na árvore), o que leva Klima a não considerá-la negação de sentença.

O segundo tipo de negação de constituinte citado por Klima é de negação junto a expressões adverbiais, como em (46) e (47):

(46) He found something interesting there not long ago.

(47) There will be rain somewhere else in no time.

Comparando-se (46) e (47) com sentenças negativas, observa-se que há diferenças sintáticas, tais como não permitirem a ocorrência das estruturas características de sentença negativa, sentença (48), não provocarem a inversão do auxiliar, sentença (49) em comparação com sentença (50), não permitirem a ocorrência dos quantificadores indefinidos, sentença (51) em comparação com (52):

*48) He found something interesting there not long ago, and neither did she.

*49) Not many hours earlier had he spoken with someone else.

(50) Not even there was there rain falling.

*51) Not long ago there was any rain falling.

(52) Not even there was there any rain falling.

Finalmente, Klima (1964) apresenta sentenças em que ocorrem afixos negativos, como (53), que contrasta com (54):

*53) She is unhappy and neither is he.

(54) She isn't happy and neither is he.

Após examinar os três casos de negação de constituinte, Klima propõe que a negação seja gerada junto a al gum constituinte e não junto a S (sentença).

Jackendoff (1969) aborda outros tipos de negação que não sejam negação de sentença.

Aplicando como teste semântico para se verificar se uma sentença é negativa a paráfrase: 'Não é o caso que S', observa que sentenças como (56) não podem ter essa paráfrase (em uma leitura):

(56) They're fighting about nothing.

Parece, então, que a negação estaria associada a um NP, nesse caso, o que inclui a possibilidade de gerar -neg- em posição não ligada diretamente a S(sentença).

Apresenta, em seguida, um caso "mais interessante" de negação de constituinte, que não havia sido abordado por Klima, ilustrado pelo contraste entre (57) e (58):

(57) Not many of the arrows hit the target.

(58) Many of the arrows didn't hit the target.

Jackendoff observa que (57) é um caso de negação de sentença, sinônima de (59):

(59) It is not so that many of the arrows hit
the target.

enquanto que em (58) a negação está associada ao VP.

A proposta de Jackendoff para dar conta de negação de VP e negação de S é que as diferenças entre uma e outra - isto é, diferenças de escopo da negação - devem ser atribuídas por meio de uma regra semântica de escopo, aplicada às estruturas derivadas.

Lasnik (1972) examina um dos tipos de negação de constituinte citados por Klima - negação com expressões adverbiais.

Propõe também que, nesses casos, a negação seja gerada junto ao constituinte advérbio. Com essa proposta, Lasnik pretende explicar as diferenças entre a negação junto a um advérbio mas negando a sentença, como em (60), em que a negação é gerada junto a S, e a negação do constituinte advérbio, como em (61):

(60) Not often does John pass tests.

(61) Not long ago, John passed a test.

Confirmando a análise de Klima, a negação de sentença provoca inversão do auxiliar, como em (60), e a negação de constituente não a provoca, como em (61).

2.3.2. Negação de Constituinte em português

Conforme ficou estabelecido anteriormente, são sentenças negativas em português, as sentenças que permitem a ocorrência de 'tag com tampouco', 'tag com nem mesmo', 'nem tag' e 'tag question afirmativa'.

Serão observadas aqui sentenças com alguma negação e que não permitem as "tags" mencionadas, semelhantes a alguns casos de negação de constituinte analisados em relação ao inglês.

Existe, em português, negação junto a expressões adverbiais como nas sentenças seguintes, que parece estar negando somente o advérbio, fato atestado pela não-gramaticidade de (62b), (62c) e (62d):

(62a) João mora não muito longe daqui.

*(62b) João mora não muito longe daqui, mora?

*(62c) João mora não muito longe daqui, e tampouco Maria.

*(62d) João mora não muito longe daqui, (e) nem Maria.

As sentenças (62a) e (62d) podem ser comparadas com (63a) e (63b) que são negação de sentença:

(63a) João não mora longe daqui.

(63b) João não mora longe daqui, (e) nem Maria.

A negação ocorre também em afixos, como em (64) e (65):

(64) A não-obediência a este regulamento ocasiona punições.

(65) A desobediência a este regulamento ocasiona punições.

Parece que as sentenças (64) e (65) contrastam com (66) que é negação de sentença:

(66) A obediência a este regulamento não ocasiona punições, ocasiona?

Esses seriam alguns casos de negação de constitu_{inte} em português. Não se pretendeu, aqui, analisar em profundidade esse tipo de negação, mas apenas mencionar a sua existência, diferenciando-a de negação de sentença.

NOTAS

1. Quanto às sentenças com "neither-tag", Klima discute a possibilidade de ocorrer apenas "not" ou de ocorrer qualquer outro advérbio negativo. Parece que, segundo Klima, essa possibilidade varia conforme dialetos diferentes, pois em certo dialeto existem sentenças como: "Writers will seldom accept suggestions, and neither will publishers".

2. Jackendoff (1969) comenta a definição dada por Klima e apresenta uma definição com base semântica:

"uma sentença $[S X - \text{neg} - Y_S]$ é uma sentença negativa se houver uma paráfrase ' não é o caso que $[S X - Y]$ '. Acrescenta que sua definição e a de Klima não diferem .

3. Outra possível correspondência de "either-conjoining" é "também não", como em : "Os homens não trabalham e as mulheres também não." "Também não" só ocorre quando houver um advérbio negativo na S, o que explica a não-gramaticalidade de: "Os homens trabalham e as mulheres também não."

4. Quanto à classificação de 'raramente' e 'dificilmente' em grupo distinto de 'não', 'nunca' e 'jamais', convém observar ainda as sentenças seguintes:

1. O cão não late nunca.
2. O cão não late jamais.
- * 3. O cão não late raramente.
- * 4. O cão não late dificilmente.
- * 5. O cão late nunca.
6. O cão late raramente.
7. O cão late dificilmente.

Comparando-se (3) e (4) com (1) e (2) e comparando-se (6) e (7) com (5), observa-se que 'dificilmente' e 'raramente' não devem ocorrer junto com 'não', do modo que 'nunca' e

'jamais' ocorrem.

Também em sentenças com 'nada', 'ninguém' e 'nenhum' observa-se o comportamento de 'dificilmente' e 'raramente', diferente de 'não', 'nunca' e 'jamais':

8. João não vê nada.
9. João nunca vê nada.
10. João jamais vê nada.
- *11. João raramente vê nada.
- *12. João dificilmente vê nada.

CAPÍTULO III

HIPÓTESES PARA O TRATAMENTO DA NEGAÇÃO

Neste capítulo serão apresentadas as diversas propostas feitas em relação a alguns aspectos da negação em inglês, tendo como base teórica a gramática gerativo-transformacional.

A primeira hipótese apresentada é a de Chomsky (1957), que considera a negação como uma transformação facultativa.

A proposta de Klima (1964), exclusivamente sintática, considera a negação como existente na estrutura profunda das sentenças e que essa estrutura é a única relevante para a interpretação semântica.

Uma proposta alternativa a esta última demonstra ser relevante também a estrutura superficial das sentenças para a interpretação semântica. Essa proposta é apresentada por Lasnik (1972) e Jackendoff (1969), com alguns pontos em comum e algumas divergências entre os dois.

Outra abordagem do problema da negação encontra-se em Lakoff (1970) ao propor que a negação seja gerada na estrutura profunda como um predicado.

3.1. Hipótese transformacionalista

Em Chomsky (1957) é adotada uma abordagem transformacional na descrição da sintaxe do inglês.

Para que uma transformação seja especificada explicitamente, é necessário que se descreva a análise das sequências às quais a transformação se aplica (análise estrutural) e a mudança que se efetua nessas sequências (mudança estrutural).

Em relação à negação, afirma que a maneira mais simples de descrevê-la é através de uma transformação facultativa. A transformação de negação (Tnot) é especificada

da seguinte maneira:

$$(67) \text{ Análise estrutural } \left. \begin{array}{l} (i) \text{ NP} - \text{C} - \text{V} \dots \\ (ii) \text{ NP} - \text{C} - \text{M} - \dots \\ (iii) \text{ NP} - \text{C} - \text{have} - \dots \\ (iv) \text{ NP} - \text{C} - \text{be} - \dots \end{array} \right\}$$

Em (67) os símbolos correspondem aos que ocorrem nas seguintes regras de base apresentadas por Chomsky:

$$(68) \begin{array}{l} (i) \text{ Verb} \longrightarrow \text{aux} - \text{V} \\ (ii) \text{V} \longrightarrow \text{hit, take, etc.} \\ (iii) \text{Aux} \longrightarrow \text{C (M) (have-en) (be-ing) (be-en)} \\ (iv) \text{M} \longrightarrow \text{will, can, may, shall, must.} \\ (v) \text{C} \longrightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{S no contexto NPsing} \text{ ---} \\ \emptyset \text{ no contexto NPpl} \text{ ---} \\ \text{past.} \end{array} \right\} \end{array}$$

A mudança estrutural correspondente é:

$$(69) X_1 - X_2 - X_3 \longrightarrow X_1 - X_2 - n't - X_3$$

Em (69) está especificado que, dada uma das sequências de (67), T_{not} acrescenta Not ou N't depois do segundo segmento da sequência, ou depois do primeiro segmento, se só houver um. Deve-se lembrar que a sequência descrita em (69) é a de Aux, descrita em (68iii). Por exemplo, aplicando-se T_{not} à seguinte sequência: They - \emptyset - have - en - come, resulta: They - \emptyset - have - n't - en - come.

As sentenças às quais se aplica T_{not} e também a todas as outras sentenças do inglês deve ser aplicada obrigatoriamente a transformação de reposição de afixo, especificada da seguinte maneira:

$$(70) \text{ Análise estrutural: } X - \text{Af} - v - Y$$

em que Af é qualquer C ou EN ou ING; v é qualquer M ou V ou Have ou Be.

(71) Mudança estrutural:

$$X_1 - X_2 - X_3 - X_4 \longrightarrow X_1 - X_3 - X_2 - X_4$$

Por exemplo, aplicada à sequência: They - \emptyset - have - en - come, produziria : They - \emptyset - have - come - en.

Essa transformação deve ser ordenada depois da aplicação de Tnot, nos casos em que esta última for aplicada. Por exemplo, à sequência resultante de Tnot: They - \emptyset - have - n't - en - come, aplica-se (71), obtendo-se: They - \emptyset - have - n't - come - en. Desse modo, uma sentença negativa do inglês seria produzida através da aplicação de Tnot e Tde reposição de afixo, na ordem apresentada.

No entanto, em alguns casos, T de reposição de afixo não pode ser aplicada por não haver a Análise estrutural adequada, isto é, a sequência Af - v. Supondo um exemplo do tipo (67i) como (72):

(72) John - S - n't - come.

É acrescentada uma transformação obrigatória após Tnot: Do-transf., especificada como se segue:

(73) Análise estrutural: # - Af

(74) Mudança estrutural:

$X_1 - X_2 \longrightarrow X_1 - do - X_2$

Aplicando-se Do-trans. a (72), obtém-se (75):

(75) John - do - S - n't - come.

Concluindo, de acordo com a proposta de se derivar sentenças negativas do inglês através de transformação, todas essas sentenças e somente essas seriam produzidas através da aplicação de Tnot e Do-trans. na ordem apresentada.

3.2. Hipótese de negação na base¹

Klima (1964) observa que a negação, na estrutura superficial, localiza-se em certos constituintes da sentença, exprimindo uma negação da sentença. Apresenta ocorrências da negação no auxiliar como em "Writers have not been accepting invitations", no sujeito como em "Not much rain

fell", no advérbio, como em "They went nowhere", num modificadore preposicional, como em "The writers of none of the reports thought so" e num complemento infinitival, como em "I will force you to marry noone".

Por ser possível existirem reflexos da negação em tal variedade de constituintes, não há razão para atribuí-la a um desses constituintes na estrutura profunda. Klima propõe, então, que o constituinte -Neg- apareça, opcionalmente, como expansão de S. Quanto à posição de -Neg-, Klima apresenta argumentos em favor da posição pré-sentencial, como o seguinte: -Neg-, assim como o marcador de interrogação -Wh- que ocorre em posição pré-sentencial, motiva a ocorrência de indefinidos (sentenças (76) e (77)), provoca a ordem inversa (sentenças (78) e (79)), e pode ter certos constituintes incorporados a si ((80) e (81)):

(76) We will not have any rain.

(77) They sometimes inquire whether any rain has fallen.

(78) Never have I seen so much rain.

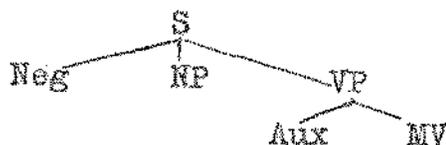
(79) When will he marry again?

(80) Noone will accept suggestions.

(81) Who will accept suggestions?

Em seguida, Klima define mais detalhadamente ainda a sentença negativa como sendo a estrutura em que Neg, o sujeito NP e o VP estão 'em construção um com o outro e são diretamente dominados por S'. O conceito 'em construção com' define-se como se segue: A está em construção com B se A é dominado pelo mesmo nóculo que imediatamente domina B. Na árvore abaixo, o NP e o VP estão em construção com Neg².

(82)



A análise de Klima baseia-se, portanto, em alguns pontos principais: há uma única ocorrência de Neg-, em posição pré-sentencial, em construção com os constituintes NP e VP e as manifestações da negação, na estrutura superficial, junto a diversos constituintes é explicada por regras transformacionais. Klima não tenta explicar a interpretação semântica das sentenças com negação. Eis como Klima deriva uma sentença como (83):

(83) Writers will not accept suggestions.

Supondo as seguintes regras de estrutura-frasal:

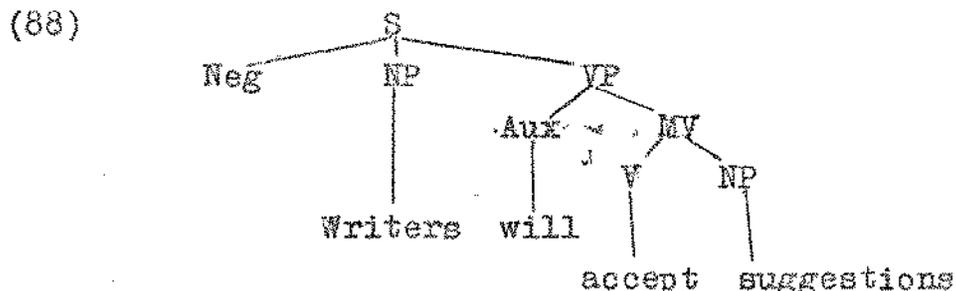
(84) $S \rightarrow (wh) (neg) NP VP$

(85) $VP \rightarrow Aux - MV - (Place) (Time)$

(86) $MV \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{Verb (NP)} \\ \text{V - predicative} \end{array} \right\}$

(87) $Aux \rightarrow \text{Tense (M) (have-PP)(Be-PrP)}$

pode-se gerar uma estrutura profunda como (88):



As transformações que devem ser aplicadas a (88)

são:

(89) Preliminary neg-placement:

$\text{Neg} - \text{Nom} - \text{Aux} - X \Rightarrow 2, 1, 3$
 $\quad \quad \quad 1 \quad \quad \quad 2 \quad \quad \quad 3$

(90) Pre-verbal particle placement

$\text{Neg} - (\text{Adv}) \text{aux} \Rightarrow 2, 1$
 $\quad \quad \quad 1 \quad \quad \quad 2$

Essas transformações serão necessárias a fim de se colocar Neg- na posição em que a negação se manifesta em (83).

Outras transformações serão necessárias para se derivar uma sentença como (91):

(91) Nothing had happened.

Depois de ter sido aplicada (89) à estrutura profunda de (91), deve ser aplicada (92):

(92) Neg-incorporation into indefinites:

$$\begin{array}{ccccccc} \text{Indef} & - & X & (\text{Indef}) & Y & - & \text{Neg} & - & Z & \Leftrightarrow & \text{Neg} & + & 1, & 2, & 4 \\ 1 & & & 2 & & & 3 & & 4 & & & & & & & \end{array}$$

A proposta de Klima será discutida em detalhe no Capítulo IV ao se testar a possibilidade de que as sentenças negativas no português sejam geradas através da inserção de Neg- na base e de transformações que não afetam o significado da sentença.

3.3. Hipótese Interpretativa Superficial ³

3.3.1. Jackendoff (1969)

Jackendoff tenta estender alguns princípios da análise de Klima (1964) a fim de dar conta de Negação de VP e de múltipla negação em uma só sentença. Seus argumentos são a favor de uma teoria em que as transformações podem afetar o significado da sentença.

Apresenta sentenças que contêm negação e que não são negação de sentença, mas negação de constituinte, algumas delas apontadas por Klima, como (93) e (94):

(93) They're fighting about nothing.

(94) I will force you to marry no one.

Em (93), a negação parece estar associada ao NP; em (94), a negação origina-se na sentença complemento. Jackendoff considera, portanto, a possibilidade de se gerar Neg- em outras posições além de diretamente ligada a S.

O caso de negação de constituinte que ilustrará

melhor a análise de Jackendoff é o que ele denomina Negação de VP, que ocorre em sentenças como (95), em contraste com (96) que é negação de S:

(95) Many of the arrows didn't hit the target.

(96) Not many of the arrows hit the target.

Diz que sentenças como (95) não podem ser derivadas pelas regras de formação de negação de sentença, já que Neg- seria incorporado a "many" por uma regra obrigatória (Klima, 1964) como acontece em (96). Aponta ainda que sentenças com negação de VP não têm passiva sinônima. A sentença (97) é a passiva de (96) e não de (95):

(97) The target wasn't hit by many of the arrows.

Jackendoff afirma que (97) tem apenas uma interpretação semântica e que esta corresponde à interpretação de (96).

De acordo com esses fatos, segundo Jackendoff, será impossível manter uma teoria em que as transformações não mudem o significado. Conforme foi visto, devido à aplicação da transformação de passiva, a sentença (95) tem o seu significado alterado. Já que as possibilidades de diferentes significados de uma sentença dependem da estrutura derivada e não somente da estrutura profunda, Jackendoff propõe uma modificação da teoria, no sentido de se permitir a interpretação semântica com base na posição de negação e quantificadores na estrutura derivada.

Em seguida, Jackendoff propõe duas regras interpretativas para darem conta de escopo da negação e da ocorrência de indefinidos como "any".

Após examinar sentenças com negação de VP e negação de NP e de S, Jackendoff conclui que o escopo da negação está sempre associado a um determinado nóculo na árvore, isto é, o escopo da negação é sempre um constituinte inteiro.

Uma regra interpretativa de escopo será o reverso das regras de Klima que movem Neg-, isto é, Neg- deve

ser gerado na posição da estrutura superficial e movido para cima na árvore pela regra de escopo. Jackendoff não formula essa regra; apenas diz que ela sobe Neg- para os nódulos dominantes. Sua aplicação é ilustrada pelos exemplos seguintes:

(98) I didn't see anything.

(99) I saw nothing.

(100) John never left the house.

A negação pode ser movida do Aux, do objeto, ou do advérbio, para ser interpretada como negação de Sentença. O 'levantamento' de Neg- é opcional, mas preferível. Se a regra de levantamento de Neg- não se aplicar, (98) é interpretada como negação de VP, (99) como negação de NP. Jackendoff deixa incerta a interpretação de (100) como negação de advérbio. Além do mais, sugere que Neg- seja movida para negação de sentença ou então que não o seja. Isto é, a sentença (99), por exemplo, não poderá ser negação de VP por uma aplicação da regra.

A regra de escopo da negação tem como imput algum nível de estrutura derivada, possivelmente a estrutura superficial. Essa regra deverá fazer parte do componente semântico da gramática.

3.3.2. Lasnik (1972)

Lasnik aponta que uma análise de sentenças negativas no inglês deve dar conta de sentenças gramaticais com duas ocorrências de "Not", como as seguintes:

(101) Not many of the arrows didn't hit the target.

(102) Not many of the demonstrators weren't arrested.

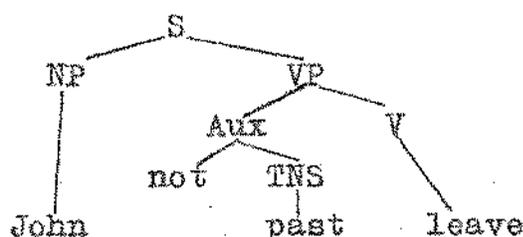
Esse tipo de sentenças é um argumento sintático em favor de duas ocorrências de negação na estrutura profunda.

Propõe que uma das ocorrências seja na posição inicial de Aux. Tal posição explicaria sentenças como (103):

(103) John didn't leave.

Os aspectos relevantes da estrutura profunda de (103) estão em (104):

(104)



Em relação à outra ocorrência de "Not", Lasnik observa que somente em posição inicial é possível ocorrerem expressões negativas com quantificadores ou advérbios como "not many" ou "not often", como nas sentenças seguintes:

(105) Not all of the problems were solved by the students.

(106) Not everyone saw the play.

(107) Not often do I cut astronomy class.

Sentenças como (108), (109) e (110) são não-gramaticais:

* (108) The students solved not all of the problems.

* (109) The play was seen by not everyone.

* (110) I cut astronomy class not often.

A fim de explicar a ocorrência de "Not" em sentenças como (105), (106) e (107) Lasnik coloca em confronto duas teorias: "Determiner theory" (DT) e que teria "Not" gerado opcionalmente no determinante de certos NPs e frases adverbiais; e "Pre-S theory" (PT) que teria "Not" gerado opcionalmente no início da sentença.

Lasnik verifica a adequação das teorias mencionadas através de fatos do inglês, usando argumentos de ordem sintática e de ordem semântica para escolher uma das

duas teorias.

Como argumentos sintáticos, aponta os seguintes: (a) a DT geraria sentenças não-gramaticais como (108), (109) e (110), que teriam que ser eliminadas por uma transformação obrigatória que movesse a expressão negativa para a posição inicial, enquanto que a PT nunca geraria essas sentenças não-gramaticais; (b) a DT não explica a diferença entre sentenças como (111) e (112), por um lado, e (110) e (107) por outro:

(111) I was a student not long ago.

(112) Not long ago, I was a student.

Pela DT, não se pode explicar por que (110) é não-gramatical enquanto que (111) não o é, já que ambos os constituintes negativos seriam gerados da mesma forma na estrutura profunda. PT, por sua vez, explicaria a diferença entre os dois tipos de frase adverbiais negativas ("not"-adv.). Sentenças como (107) teriam "Not" na posição pré-sentencial e seriam o caso de uma negação de sentença, em que há inversão sujeito-auxiliar. Sentenças como (111) não teriam "Not" gerado em posição pré-sentencial, já que aí não há negação de sentença. Seria um caso de negação de constituinte, da mesma forma que (112).

Esses dois argumentos sintáticos parecem mostrar que a PT é mais adequada aos fatos do inglês.

Como argumento semântico, Lasnik observa que a interpretação semântica de sentenças com quantificadores e negação está ligada ao escopo da negação e do quantificador. Observa sentenças como as seguintes:

(113) Many of the problems weren't solved by the students.

(114) The students didn't solve many of the problems.

(115) Not many of the problems were solved by the students.

Algumas de suas conclusões a respeito do escopo

de negação e quantificador, com base em (113), (114) e (115) são que o escopo da negação depende crucialmente de relações de comando e precedência. Se "Not" comanda e precede um quantificador (sentença (115)), o quantificador é negado. Se "Not" não o precede imediatamente (sentença (114)), o quantificador pode ser negado ou não, dependendo da entoação, isto é, se o quantificador estiver na mesma frase entonacional da negação, ele será negado. Em (113), como a negação não precede o quantificador, ele não é negado.

Através dessas conclusões de Lasnik, pode-se observar que o escopo será afetado pela entoação e que a entoação refere-se à estrutura superficial da sentença. Além disso, observa-se também que qualquer mudança na posição da negação e do quantificador na sentença, afetará o escopo. Por exemplo, a aplicação de uma transformação como a de passiva à sentença (114) mudará o escopo da negação. Essas duas observações fazem Lasnik propor que as regras de escopo se apliquem depois que as regras transformacionais e as regras de entoação tiverem sido aplicadas.

Voltando à avaliação de DT ou PT, Lasnik conclui que uma teoria como DT, que pretenda atribuir o escopo com base na estrutura profunda exclusivamente, não é adequada e, portanto, a PT será mais adequada, tanto sob o ponto de vista sintático como o semântico.

3.4. Hipótese de Neg- Predicado

O tratamento de escopo através da noção estendida de predicado encontra-se em Lakoff (1965) ⁴.

Considera várias frases adverbiais - de modo, lugar, causa, frequência - e argumenta que sua interação com negação e interrogação só pode ser explicada se as frases adverbiais forem predicados mais altos na estrutu-

ra profunda.

Algumas das sentenças apresentadas são:

(116) I don't beat my wife in the yard.

(117) Do you beat your wife in the yard?

Lakoff diz que (116) e (117) não estão negando e questionado, respectivamente, o acontecimento, mas que apenas o local do acontecimento é negado e questionado.

Lakoff procede examinando sentenças com quantificadores e chega à conclusão semelhante à apresentada em relação aos advérbios. Considera sentenças como:

(118) Not much shrapnel hit the soldier.

(119) The soldier was not hit by much shrapnel.

em que o fato de que o soldado foi atingido não é negado, mas a quantidade de "shrapnel" o é.

O mesmo ocorre com sentenças interrogativas como:

(120) Did much shrapnel hit the soldier?

(121) Was the soldier hit by much shrapnel?

em que não se questiona se o soldado foi atingido, mas sim a quantidade de "shrapnel".

Desse modo, tanto as sentenças com advérbios como as sentenças com quantificadores teriam uma estrutura profunda como (122), em que o advérbio ou o quantificador ocorrem no VP marcado:



Haverá uma regra de 'Abaixamento de quantificador', cujo efeito é abaixar os quantificadores para a sentença em que ocorrem na estrutura superficial.

Lakoff sugere que "Not" também seja um predicado na estrutura profunda⁵ e, provavelmente, a regra de abaixamento também se aplicaria a "Not".

Conforme aponta Lasnik (1972), Lakoff (1969) discute problemas de escopo da negação com quantificadores e propõe a noção de 'Restrição derivacional global', necessária em sentenças como (123) e (124):

(123) The police didn't arrest many of the demonstrators.

(124) Many of the demonstrators weren't arrested by the police.

Se a passiva se aplicar sem restrição alguma, (123) produz (124) que tem significado diferente de (123). A fim de evitar essas derivações, Lakoff propõe a 'Restrição derivacional global':

(125) $P_1/C_1 \rightarrow (\forall i (P_i/C_2 \rightarrow P_i \rightarrow C_3))$

Sendo C_1 : L_1 comanda L_2

C_2 : L_2 comanda L_1 (L: Quant. ou

C_3 : L_1 precede L_2 Neg.)

(125) significa que se dois elementos L ocorrem na estrutura profunda P_1 que tem a condição C_1 , então se cada estágio da derivação tem a condição C_2 , também tem a condição C_3 ; isto é, a restrição se aplica a todos os estágios da derivação.

NOTAS

1. Katz & Postal (1964) referem-se à negação, propondo que não seja mais uma transformação singular e que seja introduzida na estrutura profunda.

Lees (1960) também propõe que as sentenças negativas sejam geradas com a inserção de um morfema negativo através das regras de estrutura frasal. Os termos negativos são por ele chamados de 'preverbos' e são introduzidos na regra que expande VP.

2. Langacker (1969), ao estudar as restrições à regra de pronominalização, propõe a noção de 'comando': um nóculo A comanda outro nóculo B se (1) nem A nem B dominam um ao outro, (2) o nóculo S que imediatamente domina A também domina B. Segundo Langacker, seria aconselhável adotar a noção de 'comando' em relação à negação, já que é uma noção aplicável também à pronominalização.

3. Chomsky (1971) observa alguns fatos do inglês em que a interpretação semântica parece relacionar-se mais diretamente à estrutura superficial da sentença. Apresenta os problemas relativos à negação e quantificadores e também casos em que a entoação relaciona-se a foco e presuposição, que devem ser levados em conta numa descrição semântica. Aponta que tais fatos sugerem que a teoria standard precise de uma reformulação, a fim de que a estrutura superficial possa contribuir para a interpretação semântica das sentenças.

4. Esta proposta é apresentada aqui com base em Lakoff (1965) e com base na apresentação feita por Lasnik (1972). Encontra-se também em Carden, G. (1967), English Quantifiers, tese não-publicada e que não foi consultada.

5. Lakoff (1970) discute a posição de Neg-, assim como a de advérbios, sugerindo a posição de predicado. Sua discussão baseia-se em sentenças com "it-anafórico" como: "John didn't marry Mary although the fortune-teller had predicted it", "Goldwater won in the West, but it didn't happen in the East". Nessas sentenças, o "it" refere-se a "John marry Mary" e a "Goldwater won", respectivamente, isto é, a sentenças sem a negação e sem o advérbio de lugar respectivamente.

CAPÍTULO IV

NEGAÇÃO EM PORTUGUÊS

No capítulo anterior foram apresentadas diversas hipóteses concorrentes para o tratamento da negação.

Neste capítulo, iremos examinar, em confronto com dados do português, sua adequação empírica. Na presente discussão não será considerada a 'Hipótese transformacionalista', pois na literatura mais moderna da teoria gerativo-transformacional não há defensor dessa hipótese. Também a 'Hipótese de Neg- predicado' não será examinada, com base em trabalhos de Jackendoff (1971) e Lasnik (1972) que argumentam criticando essa análise.¹

Iremos examinar o comportamento das hipóteses que se apresentam como mais sérias concorrentes à discussão do problema da negação em português: a Hipótese de Neg- na base e a Hipótese Interpretativa superficial.

4.1. Hipótese de Neg- na base

Nesta seção serão tomadas como ponto de partida algumas sentenças negativas do português, a fim de se verificar a possibilidade de se adotar a análise de estrutura frasal (Klima, 1964) para se explicar fatos relativos a sentenças negativas em português.

A análise de sentenças negativas deverá explicar sentenças em que ocorrem 'não' e/ou outros advérbios negativos como 'nunca' e 'jamais', assim como 'nem' e também certos quantificadores. Desse modo, uma análise adequada deve dar conta de sentenças como (126) a (131):

- (126) O cão não late.
- (127) O cão nunca late.
- (128) O cão não late nunca.
- (129) João nem saiu.
- (130) Muitas pessoas não vieram.

(131) Não muitas pessoas vieram.

Sentenças como (130) e (131), em que ocorrem quantificadores ('muitos', por exemplo) levantam problemas de interpretação semântica e serão relevantes à discussão da proposta de Klima (1964), em confronto com a de Jackendoff (1969) e Lasnik (1972).

4.1.1. Análise de Klima e fatos do português

Supondo que a negação, na estrutura profunda, ocorra somente no início da sentença, será necessária uma regra transformacional que a mova para a posição pré-verbal como nas sentenças (126) e (128), já que sentenças como (132) são não-gramaticais:

*(132) Não o cão late.

Para as sentenças do inglês, Klima propõe uma regra de "Pre-verbal particle placement" que efetua esse movimento de Neg-.

Em português, essa regra poderia ser formulada como (133):

(133) Colocação de Neg-:

Neg	-	NP	-	VP	
1		2		3	⇒
∅		2		1+3	

No entanto, existem outras sentenças negativas de que a análise deve dar conta, como (127), (128) e (134):

(127) O cão $\left\{ \begin{array}{l} \text{nunca} \\ \text{jamais} \end{array} \right\}$ late.

(128) O cão não late $\left\{ \begin{array}{l} \text{nunca} \\ \text{jamais} \end{array} \right\}$.

(134) $\left\{ \begin{array}{l} \text{Nunca} \\ \text{Jamais} \end{array} \right\}$ o cão late.

Essa análise deverá, por outro lado, eliminar sentenças como as seguintes:

*(135) João nunca não fala.

 jamaiz

*(136) João não nunca fala.

 jamaiz

*(137) João fala nunca.

 jamaiz.

Ao analisar sentenças em que ocorrem "never", no inglês, Klima propõe que exista uma regra transformacional de 'Incorporação de Neg- aos indefinidos'. Essa regra, que se aplica também a sentenças em que ocorrem outros indefinidos como "any", seria aplicada depois de uma regra de 'Incorporação de indefinido ao quantificador'. O efeito desta segunda regra é fazer com que "ever", "any", por exemplo, sejam indefinidos. Não discutirei aqui esta segunda regra, apenas a primeira.

A regra de 'Incorporação de negação aos indefinidos' permite que o constituinte Neg-, inicialmente gerado em posição pré-sentencial, seja associado a um outro constituinte, mantendo a negação da sentença. Desse modo, a negação que se manifesta em "never" é gerada da mesma maneira que a negação que se manifesta em "not", sendo que "not" será uma manifestação da negação quando não for incorporado a alguma constituinte.

No entanto, em português, parecem surgir dificuldades ao se tentar aplicar uma análise semelhante. Observe-se que existem sentenças como (128) em que ocorrem juntamente 'nunca' e 'não'. Além disso, o item lexical 'nunca', diferentemente de 'ever', é sempre negativo.

Poder-se-ia propor para derivar sentenças (127), (128) e (134) uma análise que tomasse como regras de base para o advérbio aquela encontrada em Chomsky (1965):

(138) Predicate Phrase \rightarrow Aux^{VP} (Place) (Time)
pela qual o advérbio é expandido no módulo "time".

Desse modo, um marcador-frasal inicial para se

derivar sentenças como (127), (128) e (134) seria (139):

(139)



Sentenças como (140) a (145) também serão derivadas com a mesma regra (138) que inclui "Time":

(140) O cão late sempre.

(141) O cão sempre late.

(142) Sempre o cão late.

(143) O cão não late sempre.

(144) O cão nem sempre late.

(145) Nem sempre o cão late.

Observando-se essas sentenças com advérbios, nota-se que será necessária uma regra transformacional que mova o advérbio para diversas posições na sentença, que poderá ser formulada como (146):

(146) Movimento de Advérbio:

$$\begin{array}{ccccccc}
 X & - & \left. \begin{array}{c} V \\ NP \end{array} \right\} & - & Adv & - & Y \\
 1 & & 2 & & 3 & & 4 \implies \\
 1 & & 3+2 & & \emptyset & & 4
 \end{array}$$

A regra de Movimento de advérbio será opcional, pois não se aplica a sentenças como (128), (140) e (143).

Para que sentenças (135) e (136) sejam eliminadas e (134) e (127) sejam produzidas, haverá necessidade de uma terceira regra transformacional que cancele a negação: Cancelamento de Neg-.

Parece-me que serão necessárias, portanto, para se derivar as sentenças negativas sem quantificadores, três regras transformacionais, que deverão ser ordenadas quanto à sua aplicação na sentença. Parece-me, ainda, que uma ordenação satisfatória seria:

- 1- Movimento de advérbio (opcional)
- 2- Cancelamento de Neg- (obrigatória)
- 3- Colocação de Neg- (obrigatória)

A regra de Cancelamento de Neg- será aplicada não somente nas sentenças com advérbios como 'nunca' e 'jamais' mas também em sentenças como (147), para que se tenha (148):

*(147) Ninguém não está morto.

(148) Ninguém está morto.

Sendo assim, a formulação de Cancelamento de Neg- poderá ser da seguinte maneira:

(149) Cancelamento de Neg:

(149) Neg - $\left\{ \begin{array}{l} \text{NP} \\ \text{+neg} \\ \text{Adv} \\ \text{+neg} \end{array} \right\}$ - VP - X

1	2	3	4	⇒
∅	2	3	4	

Como a regra de Colocação de Neg (133) foi ordenada após a regra de Movimento de advérbio, será necessária uma modificação na sua formulação, substituindo-se (133) por (150):

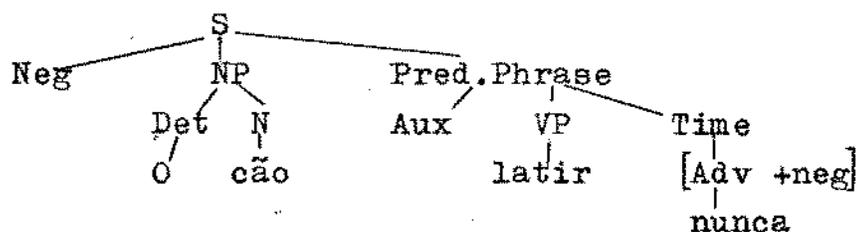
(150) Colocação de Neg:

— Neg - NP - (Adv) - VP

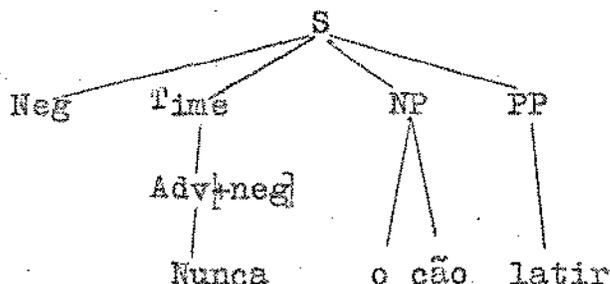
1	2	3	4	⇒
∅	2	1+3	4	

Desse modo, uma sentença como (134) seria derivada através dos seguintes passos:

(151) Estrutura profunda:



A primeira transformação aplicada é Movimento de Advérbio (146), que produz (152):



A essa estrutura será obrigatória a aplicação de Cancelamento de Neg (149), produzindo-se a sentença (134):
(134) Nunca o cão late.²

Essa proposta alternativa apresentada derivaria corretamente as sentenças desejadas, mas parece-me ser apenas um mecanismo correto que não leva em conta aspectos relevantes como os seguintes:

(a) o constituinte Neg-, que indica uma negação da sentença, não é relacionado em momento algum, ao constituinte advérbio, no caso de 'nunca' ou 'jamais' ou ao quantificador, no caso de 'nenhum', por exemplo.

(b) sentenças como (127) e (134) têm a sua negação expressa exclusivamente pelo advérbio e são sentenças negativas, do mesmo modo que sentenças como (148) têm a sua negação expressa exclusivamente pelo indefinido e também são sentenças negativas.

Parece-me, portanto, que seria necessária alguma maneira de se relacionar a negação que se manifesta no advérbio ou no indefinido com o constituinte Neg-, indicador de negação de sentença, e que a análise proposta não faz isso.³

Examinaremos, agora, as sentenças negativas em que ocorrem quantificadores.⁴

Observem-se as sentenças abaixo:

- (153) Muitas pessoas não vieram.
- (154) Poucos animais não comem capim.
- (155) Todas as amigas de Maria não foram ao seu aniversário.
- (156) Tudo não está claro.
- (157) Alguns meninos não saíram da sala.
- (158) Algo não foi resolvido na reunião.
- (159) Alguém não trouxe bolas para a festa.

Essas sentenças poderiam ser derivadas com a aplicação de Colocação de Neg, sem problema algum.

Por outro lado, sentenças como as seguintes seriam derivadas com a aplicação de Cancelamento de Neg, permanecendo o problema relacionado tanto às sentenças com advérbios negativos como a estas sentenças, referente ao não-relacionamento de Neg- aos constituintes negativos nessas sentenças:

- (160) Nenhuma mulher morreu no acidente.
- (161) Ninguém se machucou.
- (162) Nada foi decidido na reunião.

No entanto, há sentenças em português em que a negação precede imediatamente o quantificador, como as seguintes:

- (163) Não muitas pessoas vieram.
- (164) Não poucos animais comem capim.
- (165) Nem todas as amigas de Maria vieram.
- (166) Nem tudo foi decidido.

Essa ocorrência de negação imediatamente anterior ao quantificador só parece gramatical com os quantificadores 'muito', 'pouco', 'todo' e 'tudo', pois serão não-gramaticais sentenças como (167):

- (167) Não alguns meninos saíram.

Comparando-se (163) a (153) observa-se que são

semanticamente diferentes e não podem ter a mesma estrutura profunda. Duas possibilidades existem para se explicar sentenças como (163): (1) gerar Neg- na estrutura profunda em posição diferente de pré-sentencial (que é a posição original de (153)); (2) gerar Neg- na mesma posição que para (153) e formular a regra de Colocação de Neg como transformação opcional que não se aplicaria a (163) e sim a (153) e que afetaria o significado da sentença.

A proposta de Klima não menciona nenhuma das duas possibilidades, justamente porque não lhe interessa a interpretação semântica das sentenças. Para Klima, sentenças como (169) e (168) terão a mesma estrutura profunda e uma regra transformacional de "Neg-incorporation" se aplica a (169):

(168) Much rain didn't fell.

(169) Not much rain fell.

Além dos problemas levantados acima, relativos à não-incorporação de negação aos advérbios e quantificadores em português, a análise de Klima não explica a diferença de significado entre sentenças em que ocorre a negação precedendo o quantificador e sentenças em que ocorre o quantificador antes da negação. Parece que uma análise de negação que estabeleça uma única posição para a negação na estrutura profunda e que também estabeleça que somente a estrutura profunda é relevante para a interpretação semântica, não explica os fenômenos do português relativos à negação, aqui apontados.

Resta um problema a ser apontado, referente à ocorrência de 'não' ou 'nem' no português, como manifestações de Neg-. Parece que em posição pré-verbal geralmente ocorre 'não', sendo que 'nem' ocorre aí com valor enfático como na sentença (4). Seria um fato a ser mencionado na representação semântica. Em posição inicial de sentença,

são mutuamente exclusivos, pois 'não' só ocorre antes de 'muito' e 'pouco' e 'nem' só antes de 'tudo' e 'todo'.

4.2. Hipótese interpretativa superficial

Conforme foi apresentado no capítulo anterior, as análises de Lasnik (1972) e Jackendoff (1969) têm em comum o fato de considerarem a estrutura superficial relevante para a interpretação semântica das sentenças.

Embora as duas análises se preocupem com problemas semelhantes, tais como escopo da negação em sentenças com quantificadores, não são análises idênticas. A análise de Lasnik é uma tentativa de unir a análise sintática com a semântica para explicar fenômenos de negação. Por sua vez, a análise de Jackendoff é exclusivamente semântica.

Como a análise de Lasnik encontra-se exposta com mais detalhes e leva em consideração argumentos sintáticos e semânticos e a análise de Jackendoff apenas sugere as regras de escopo, mas não as formula, e como, essencialmente, o que será verificado aqui é a necessidade de se explicar fatos do português relativos à negação pela hipótese interpretativa superficial, será tomada como ponto de partida a análise de Lasnik.

4.2.1. Análise de Lasnik e fatos do português

Supondo duas possíveis posições de negação na estrutura profunda, uma em posição pré-sentencial e a outra no início do auxiliar, conforme Lasnik propõe para o inglês, passarei a examinar a adequação dessa análise aos fatos do português mencionados anteriormente, quando se verificou a adequação empírica da análise de Klima.

No primeiro lugar, o argumento apresentado em fa

vor de duas ocorrências de negação na estrutura profunda parece não ser válido no português, já que sentenças como (170), com duas negações na estrutura superficial são não-gramaticais:

* (170) Não muitas pessoas não compareceram à reunião.

Este fato parece demonstrar que uma única posição de negação na estrutura profunda é necessária.

Por outro lado, poderíamos pensar que a possibilidade de duas posições diferentes de negação na estrutura profunda seria uma maneira de se gerar diferentemente as sentenças (153) e (163) mencionadas acima:

(153) Muitas pessoas não vieram.

(163) Não muitas pessoas vieram.

Uma análise desse tipo, isto é, que propusesse duas estruturas profundas distintas para sentenças semanticamente diferentes, assume que a interpretação semântica é baseada exclusivamente na estrutura profunda. No entanto, parece que também em português as transformações que movem NPs, como passiva, afetam o escopo da negação, de modo que a estrutura superficial também será relevante para a interpretação semântica.

Como exemplo, observem-se sentenças como (171), (172) e (173):

(171) Muitas flechas não atingiram o alvo.

(172) Não muitas flechas atingiram o alvo.

(173) O alvo não foi atingido por muitas flechas.

Parece-me que (171) e (172) são semanticamente diferentes e que (173) ou é sinônima de apenas uma das duas, ou é ambígua dependendo da entoação que tiver. Tanto uma interpretação de (173) como a outra implicam em que a interpretação semântica deva levar em conta também uma estrutura derivada, provavelmente a estrutura superficial.

Portanto, como não é somente a estrutura profunda a estrutura relevante à interpretação semântica, as du-

as ocorrências da negação na estrutura profunda não explicam a diferença entre sentenças como (153) e (163). Parece, então, que não há argumentos em favor de duas posições de negação na estrutura profunda, em português.

* Já que a diferença semântica entre sentenças como (171) e (172) será explicada por regras de interpretação semântica que se aplicarão depois das transformações que movem os quantificadores, as duas sentenças poderiam ter uma mesma posição para a negação na estrutura profunda. Essa posição seria uma das que foi proposta por Lasnik - pre-sentencial ou pre-auxiliar - e haveria alguma regra transformacional que movesse a negação para a outra posição em que ela ocorre na estrutura superficial.

Pode-se argumentar que alguns fatos do português relativos à negação são uma evidência em favor da hipótese interpretativa superficial. Resta ainda que essa proposta seja mais claramente esboçada por seus defensores. Neste trabalho testou-se um dos argumentos para a sua existência (fatos relativos à negação); mas não foi possível seguir adiante, no sentido de formular as regras de interpretação semântica.

NOTAS

1. Jackendoff (1971) mostra que os argumentos de Carden em favor da posição de quantificadores como VP na estrutura profunda não são convincentes. Carden aponta dois argumentos sintáticos para justificar sua proposta: Transformação de apagamento de NP-Equi e Transformação de Not-transportation. Justifica o primeiro argumento através de sentenças como:

All the optimists expect to win a prize.

All the optimists expect all the optimists to win a prize.

Como as duas sentenças não são meras variantes estilísticas, mas são semanticamente diferentes, propõe que tenham diferentes estruturas profundas, com diferentes posições do quantificador e que uma transformação de "Quantifier-lowering" se aplique depois da regra de apagamento de Equi. Jackendoff critica, entre outras coisas, em primeiro lugar, a natureza da regra de "Quantifier-lowering", que insere material lexical de uma sentença mais alta em sentença mais baixa. Em seguida, mostra que as diferentes estruturas profundas propostas por Carden não caracterizam as diferenças semânticas entre as duas sentenças, mas são apenas uma maneira mecânica de se obter a estrutura superficial correta das estruturas profundas diferentes. Em relação à regra de "Not-transportation", Jackendoff aponta que a análise de Klima dá conta dos mesmos fatos que Carden tenta explicar pela posição de quantificador como VP.

Lasnik (1972) aponta que há pouca evidência sintática e semântica para a posição de quantificadores, negação e alguns advérbios como predicados.

Sentenças como "The men were many" que Lakoff considera arcaicas e apresenta como argumentos para quantificador como VP, são consideradas não-gramaticais por Lasnik.

Aponta ainda que as estruturas profundas de Lakoff não refletem a forma lógica, como Lakoff gostaria, pois há diferenças entre predicados de proposições, como "not", "true", "false" e predicados de acontecimentos, como os advérbios de lugar e frequência, e Lakoff não aponta essa diferença. Finalmente, Lasnik menciona que a análise de Lakoff usando "Derivational constraint" é muito forte, pois elimina sentenças gramaticais do inglês.

2. Omitindo-se as transformações de Concordância sujeito-verbo, de colocação de tempo, etc.

3. Pode ser que as dificuldades surgidas na análise sejam evidência para um tipo de análise que faça a incorporação da negação ao advérbio ou a outro constituinte, antes da inserção lexical. Tal proposta se situaria dentro de uma concepção da semântica gerativa.

4. Quantificadores, neste trabalho, correspondem aos pronomes indefinidos da gramática tradicional, como 'algum', 'algo', 'alguém', 'nenhum', 'nada', 'ninguém', 'todo', 'tudo', 'pouco' e 'muito'.

1^a. Conforme sugestão apontada pelo Dr. Marcelo Dascal, se forem levados em consideração outros fatos do português, como sentenças que envolvem A Transf. de Passiva, será necessária uma re-ordenação das três regras propostas e uma possível reformulação dessas regras. Por ex., a uma sentença como "O bolo não é nunca comido por João" parece que serão aplicadas as regras de Movimento de Advérbio e de Colocação de Neg. Também será necessária uma reformulação da regra de Movimento de Adv., pois deverá ser mencionado o nóculo Aux.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

Esta parte final do trabalho, em vez de apresentar conclusões decisivas a que se chega, pretende apontar os problemas que surgiram ao se examinar a possibilidade de explicar fatos relativos à negação em português pela teoria gerativo-transformacional.

Após ter examinado as propostas de Klima e de Jackendoff e Lasnik em confronto com os dados do português, algumas observações podem ser feitas a respeito da adequação dessas hipóteses às sentenças negativas do português.

Em primeiro lugar, convém ressaltar o problema relativo à análise de sentenças em que a negação se manifesta em advérbios como 'nunca' e 'jamais' ou em quantificadores como 'nada', 'ninguém' e 'nenhum'. Parece que a proposta de Klima de uma transformação de incorporação da negação é válida para as sentenças do inglês. Sendo assim, sentenças relacionadas por essa regra transformacional devem ter a mesma interpretação semântica. Por exemplo, uma sentença como "He never comes" deve ser sinônima de "He doesn't ever come" e uma sentença como "Anybody didn't come" se transforma em "Nobody came" através da aplicação dessa mesma regra.

No entanto, em relação ao português, não foi possível relacionar o constituinte Neg- aos advérbios e quantificadores e foi proposta uma Transformação de Cancelamento de Neg-. Essa solução não me parece ser a mais adequada, já que a negação que se manifesta em 'nada', 'nunca', etc. deve ser, na estrutura profunda, o mesmo constituinte Neg- que se manifesta em 'não' e que é cancelado pela Transformação de Cancelamento em sentenças como *'Ninguém não saiu' ¹.

Por outro lado, sentenças como 'Alguém não saiu' e 'Ninguém saiu' não são sinônimas, de modo que não é possível obter a segunda da primeira pela aplicação de uma Transformação de incorporação de negação.

Nesse caso, pareceu-me que um estudo das propostas básicas da semântica gerativa seria útil e necessário. Num caso como esse, uma análise que permitisse a aplicação de transformações antes da inserção lexical poderia ser adequada. Convém observar também sentenças como 'Todos não saíram' e 'Ninguém saiu'. Neste caso, parece-me que são sinônimas, assim como em 'Tudo não foi resolvido' e 'Nada foi resolvido'. Essas seriam sentenças em que a regra transformacional de incorporação de negação se aplicaria, relacionando sentenças sinônimas. Novamente, parece-me que essa análise não é compatível com a teoria standard, em que todas as regras transformacionais se aplicam depois de todas as inserções lexicais.

Um segundo problema que merece alguma discussão refere-se à posição do constituinte Neg- na estrutura profunda. Visto que chegou-se à conclusão de que a posição da negação na estrutura superficial é também relevante à interpretação semântica da sentença, a decisão a respeito da localização de Neg- na estrutura profunda não se baseia somente em considerações semânticas. Neste ponto, seriam levados em conta os argumentos de Klima a respeito da posição pre-sentencial de Neg-, apresentados no capítulo II.

O constituinte Neg- em posição pre-sentencial seria movido para as diversas posições em que ele se apresenta na estrutura superficial, por meio de regras transformacionais e essa estrutura derivada seria relevante à interpretação semântica. No caso de sentenças como (171) e (172)

(171) Muitas flechas não atingiram o alvo.

(172) Não muitas flechas atingiram o alvo.

à sentença (171) seria aplicada a transformação de colocação de Neg- e, depois, uma regra de escopo explicaria a diferença semântica entre as duas sentenças.

Finalmente, através do exame de sentenças negativas com quantificadores e do confronto das duas hipóteses, pode-se concluir que as sentenças negativas parecem ser um argumento favorável à hipótese interpretativa superficial, conforme sugestões na literatura em teoria transformacional (Chomsky, 1971).

Além disso, no decorrer da pesquisa, ao examinar os dados do português, pareceu-me impossível tentar essa análise deixando de lado todos os problemas de ordem semântica. Sei que não foram abordados em detalhe, devido ao plano inicial a que me propus e às dificuldades existentes para fazê-lo.

NOTAS

1. Existe ainda o problema de sentenças como essa serem gramaticais em algum dialeto do português, assim como sentenças do tipo de "Vi nada" e "Vou não". Aqui pretendeu-se fazer uma descrição de um determinado dialeto do português, cujos falantes não empregam, normalmente, tais sentenças.

BIBLIOGRAFIA

- Chomsky, Noam. 1957. Syntactic Structures. The Hague, Mouton.
- Chomsky, Noam. 1965. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Mass., M.I.T. Press.
- Chomsky, Noam. 1971. "Deep Structure, Surface Structure and Semantic Interpretation" em Steinberg D. e Leon A. Jakobovits. Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology, Cambridge, University Press.
- Jackendoff, Ray. 1969. "An Interpretive Theory of Negation", Foundations of Language, 5,
- Jackendoff, Ray. 1970. "On some questionable arguments about quantifiers and negation". Mimeografado.
- Katz, Jerrold e Paul Postal. 1964. An Integrated Theory of Linguistic Description. Cambridge, Mass., M.I.T. Press.
- Klima, Edward. 1964. "Negation in English" em Fodor, J e J. Katz. The Structure of Language: Readings in the Philosophy of Language. New Jersey, Englewood Cliffs, Prentice Hall.
- Lakoff, George. 1965. Irregularity in Syntax. New York, Rinehart e Winston, Holt.
- Lakoff, George. 1970. "Pronominalization, Negation and the Analysis of Adverbs" em Jacobs, R. e P. Rosenbaum. Readings in English Transformational Grammar. Waltham, Mass., Ginn e Company.

- Langacker, R. 1969. "On Pronominalization and the Chain of Command" em Reibel D. e S. Schane (eds.). Modern Studies in English. N. J., Englewood Cliffs, Prentice Hall.
- Lees, Robert B. 1960. The Grammar of English Nominalization. Bloomington, Indiana University.
- Lasnik, H. 1972. Analyses of Negation in English. Tese de doutoramento, M.I.T.